

Um rosto "chupado", a cor "acinzentada"

MÁRCIO LIMA
Enviado especial

O presidente eleito Tancredo Neves já perdeu cerca de 20 quilos, tem o rosto "chupado" e uma cor "acinzentada". Seu peso antes da operação ficava em torno de 65 quilos, o que significa que hoje ele tem mais ou menos 45 quilos. O relato foi feito ontem em Belo Horizonte por um parente próximo do presidente. "Tancredo, você conhece. Se você vê-lo agora, não o reconhecerá. Ele está irreconhecível", resumiu esse parente.

Contou também que, no domingo passado, por volta das 16 horas, os médicos abriram a UTI do Instituto do Coração, para os parentes e amigos do presidente eleito que quisessem vê-lo, porque consideraram que ele estava morrendo. Com a estabilização de seu quadro clínico, tudo foi fechado novamente. Enquanto foi permitido o acesso ao leito de Tancredo, algumas pessoas foram vê-lo, como esse parente. Outros preferiram não ir para evitar a impressão que poderiam ter, alertados para sua aparência.

Entre os que se aproximaram do leito do presidente eleito estava uma de suas irmãs que, mesmo advertida para um possível choque diante da cena, decidiu vê-lo, considerando-se preparada, pelo fato de já ter "visto muita coisa nesta vida". Esta irmã, conta o parente que fez o relato, não resistiu ao que viu e passou mal, com tremores, tendo de permanecer de repouso por um bom momento.

"Tancredo sabia que estava mal. Ele viajou para a Europa com tudo tomado. Sua barriga doía tanto que se você a tocasse, ele reclamava", disse o parente simu-

lando um toque no abdômen com a ponta de dedo indicador. "Ninguém chega no Tancredo. Ninguém poderia chegar e obrigá-lo a operar. Ele não deixa. O único que poderia fazer isto era o deputado Renato Azeredo, mas ele morreu", continuou, referindo-se ao ex-secretário de governo de Minas, nomeado por Tancredo e morto em 1983. Azeredo ficou internado pouco tempo antes de morrer de câncer no Hospital Felício Roxo, em Belo Horizonte. Ele e Tancredo formavam a última dupla de políticos do antigo PSD caracteristicamente "mineiros".

Lembrou ainda esse parente, muito ligado ao presidente eleito, que na véspera da posse ele relutou muito antes de ser internado e, mesmo assim, advertindo sempre que não permitiria cirurgia. "Tem que haver a posse", repetia Tancredo com voz firme, revelou seu parente. "Ele escondeu a dor muito tempo. Dissimulou com antibiótico."

"Tancredo nunca foi esse touro que muitos falam. Pergunte ao doutor Diomedes (o médico do presidente eleito em São João Del Rey, sua terra natal). Ele sabe. Ele acompanhou a saúde de Tancredo nos últimos 30 anos", observou durante o relato.

Depois das revelações, o parente do presidente eleito criticou o médico Walter Pinotti, "não pelo o que ele falou, mas por causa da linguagem". Contou que teve o cuidado de caminhar anônimo pelas ruas de Belo Horizonte logo após a apresentação do relatório médico, anteontem, pelo doutor Pinotti, e constatou que "o povão achou que o presidente está bom. O povão não entende aquela linguagem como a gente entende", finalizou.